

TRIBUNA Livre

23
MAIO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 62113 - AMARES

Recuperação Social

≡ Por EME ≡

É, exactamente, o título que deverá ostentar uma campanha séria contra a mendicância. E oxalá esta Campanha, há pouco reiniciada, corresponda à epígrafe que lhe foi natural e logicamente posta, para que possa levantar-se em sólidos alicerces mais uma robusta coluna do magestoso edifício social que está a erguer-se com o apoio e esforço das entidades públicas e particulares, conjugados em magnífica cooperação.

Comentários

O general Humberto Delgado pediu e recebeu 20.000 cruzeiros da TV-Rio a fim de se deixar entrevistar para o programa «Noite de Gala», segundo revelou o produtor Carlos Thiré no seu programa «Sem Censura». Exhibindo o recibo e o compromisso de comparência assinado pelo entrevistado, Carlos Thiré contou que há duas semanas fora prometido pelo general Delgado a dois jorna-

(Continua na 5.ª página)

D. Joaquina Ferreira Salgado

Na residência paroquial de Requião, Famalicão, faleceu, com a idade de 70 anos, a mãe do nosso ilustre amigo Rev. do Pe Benjamim Salgado, pároco daquela freguesia, e que durante alguns anos pastoreou a freguesia de S. Paio de Antas, em Esposende.

A bondosa Senhora, irradiando sempre as melhores virtudes cristãs, deixa mergulhada em luto e dor toda a sua família.

Era casada com o Sr. Augusto de Oliveira Salgado, e mãe dos Srs. P.e Benjamim Salgado, Dr. José Augusto Salgado advogado em Braga, Arlindo, Manuel, Lázaro e D. Maria de Lurdes Salgado, e avó da aluna da Escola Normal de Braga, Maria Arlete Salgado.

Os ofícios fúnebres realizaram-se em requiem com início às 9,30 h, seguidos da trasladação para o cemitério de Joane.

T. Livre apresenta à Família, na pessoa do Rev. do Padre Benjamim Salgado, sentidas condolências.

O problema da recuperação social dos mendigos é um dos sérios assuntos que apaixonam a todos quantos sentem comisseração pela desgraça alheia, quer ela se filie na deficiência moral, quer na míngua de recursos materiais. O amor ao próximo, para ser sincero e verdadeiro, deve medir-se pelas obras de misericórdia que se pratiquem a favor do nosso semelhante; e ao tocar-se a fibra da Caridade ainda se encontram, felizmente, muitas dedicações que a ela se sentem presas por deveres humanitários ou espirituais.

É obra deveras meritória procurar sanar o meio social, livrando-o dessa gangrena que, chamando-lhe o verdadeiro nome, tantas vezes se deverá apelar, mais propriamente, vadiagem que mendicância.

Por isso mesmo dissemos, logo de entrada, achar o título muito ajustado aos fins que se propõem atingir com o extermínio da mendicância.

Quem conhecer um pouco da miserável situação dos nossos mendigos, logo concluirá que é a recuperação o caminho certo para extinguir a mendicância.

A campanha, que é excelente, só peca por não estender, segundo se crê, a sua acção a todo o País com a mesma relevância; parece que se pretende apenas livrar os meios turísticos da vergonha da mendicância, por depreender-se que a campanha visa especialmente os grandes centros; e em nosso entender o problema da mendicância só terá solução com uma daquelas campanhas persistentes, dinâmicas, em que o Senhor Dr. Henrique Veiga de Macedo costuma concentrar todo o seu poder exterminador nestes tumores malignos que enfermam a sociedade portuguesa e que,

(Continua na 6.ª página)

António Carlos Rodrigues de Azevedo

Na sua casa de morada, sita na freguesia de Dornelas, deste concelho, faleceu na passada terça-feira o senhor António Carlos Rodrigues de Azevedo, solteiro, de oitenta anos, grande proprietário, muito estimado no nosso meio pelas suas qualidades de generosidade.

O extinto era presidente da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia da nossa Vila e foi presidente da Direcção e do Conselho Geral do Grémio da Lavoura, tendo também desempenhado importantes funções administrativas.

(Continua na 3.ª página)

Fazei alto e observai !...

Pelo alto significado que encerram as palavras proferidas pelo Senhor Arcebispo Primaz, na missa celebrada em acção de graças pelo Senhor Presidente do Conselho, na Sé Catedral, fazemos a sua transcrição:

Decorre neste dia o 70.º aniversário natalício de uma alta personalidade que há mais de um quarto de século entrou por direito próprio na História do seu País, conquistando logo um dos primeiros lugares na galeria dos homens públicos mais ilustres «em que Poder não tem a morte».

A digna vereação municipal

desta cidade em seguida à celebração do dia de ontem na investidura do Governo do País de Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho deliberou vir também aqui hoje prostrar-se diante do altar da excelsa Padroeira da Nação, para agradecer a Deus por seu intermédio, a insigne graça de ter feito o Senhor Doutor António de Oliveira Salazar instrumento de tão assinalados benefícios como os que dispensou a Portugal, num dos períodos mais agitados e perturbados da História do Mundo, e para implorar do Céu a conservação, por muitos mais anos, ainda, da sua preciosa vida.

E quis a digna Câmara bracarense que o acto se realizasse neste vetusto monumento da Sé Primaz, onde no decurso da História Portuguesa muitas vezes se encontraram reunidas a Cruz e a Espada, Deus e César, e que fosse o prelado da diocese o intérprete, perante o Altíssimo, dos seus religiosos sentimentos e ardentes votos.

Esta, a razão da nossa presença aqui.

*

Estava Moisés (assim narra a sa-

Continua na 5.ª página

O Sistema Político Português

Razões da sua vigência e permanência

(Continuação do número anterior)

A regeneração dum povo, não é obra de momento, e a reabilitação financeira dum economia depauperada exige grandes esforços nacionais e só se opera a longo prazo. Além do mais, é princípio básico em Economia Política como em Finanças, de que — o Efeito Propulsor — só actua em pleno rendimento ao fim de vários ciclos económicos.

Não esqueçamos por outro lado, que só da combinação ideal do — Princípio de Aceleração — das forças económicas, com o — Princípio do Multiplicador — de rendimentos, poderá resultar uma propulsão de investimento e de consumo notáveis, susceptíveis de fazer aumentar o Rendimento Nacional. Isto porém depende de vários factores, alguns dos quais imponderáveis, que entre nós têm sido francamente adversos. Haja em vista a última Grande Guerra, que provocou um elevado

coeficiente de entesouramento, e consequentemente diminuiu a velocidade de circulação da moeda, com suas nefastas consequências.

Mas o Sistema tem as suas virtualidades, o Sistema com-

(Continua na 4.ª página)

União Católica Portuguesa do Canadá

Parecerá estranho que se traga às colunas do nosso Semanário uma associação que existe algures no Canadá, com a qual a vida do Concelho ou até do País se julgará não ter ligação ou interesses

correlativos, mas o certo é que esta nascente associação se deve aos portugueses e, mais ainda, à iniciativa de filhos desta Terra. Levados para longe da Pátria, que

Continua na 4.ª página



No primeiro plano, da esquerda para a direita: O Vigário de Notre Dame; o Conselheiro e Predicator da U.C.P.C.; O Cônsul de Cuba, excelente amigo dos Portugueses; aos pés da Senhora de Fátima, o digníssimo Cônsul de Portugal, seguido do Senhor Cônsul do Brasil e do Senhor Arcipreste do Norte Dame e do Senhor Manuel Teixeira, nosso conterrâneo e presidente da União Católica Portuguesa do Canadá; Também se vê o Senhor Domingos Godinho Ribeiro, funcionário do Consulado Português e Secretário Geral da Associação.

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Estas exortações dimanaram de uma mesma vontade — o desejo unânime da salvação dos povos, considerada lei suprema para poupá-los a uma luta funesta. Expressa em tantas medidas que então se ensaiaram, e até mal

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA da MULHER e do LAR

Madalena a Leviana

Todos a conheciam. Todos contavam histórias a seu respeito. Se passava junto aos cafés cessavam todas as conversas para darem lugar a uma outra onde tinham lugar os ditos, tristemente espirituosos e os risos desprovidos de bondade.

Mas, afinal quem era esta mulher de quem todos falavam e que servia de aperitivo nas converzinhas inocentes, que as senhoras tinham nos «chás das cinco»?

«The five ó cloth tea», hora maldita em que o mundo despe a túnica da falsa inocência e se dedica a maldizer.

Mas, afinal quem era ela?

Ela, era Madalena, a leviana. Tinha vinte anos e sabia sorrir com ingenuidade. Era mulher. Desabrochava agora para a vida.

Mas então porque é que o seu nome era sinónimo de troça e de desprezo? Porque faziam comentários infamantes acerca daquela mulher que não passava de um botão a querer ser rosa?

Se passava, riam-se os imbecis. Se acarinhava, gritavam: conquista. Se consolava, chamavam-lhe hipócrita.

Mesmo se alguém, certo de que na sua alma ainda havia candura, dela se aproximava, logo um amigo, resolutivo, surgia dizendo que tivesse tento pois que ela era a Madalena, a leviana.

Então, esse ser que ainda tentara salvar da lama aquela alma angélica, fugia. Não queria ser alvo de troças e de comentários.

Mas Madalena continuava. Via fecharem-se todas as portas da vida e sorria. Via negarem-lhe o direito de ser feliz e olhava sempre para o alto. Avança sempre, tem no coração a esperança incontida, a fé que move montanhas. Porém pensa... medita...

Porquê?... Sim, porquê? Porque estúpida razão essa gente lhe volta as costas e lhe chama leviana?... Porquê?

Revê o mundo. Analisa a sua vida. Olha para trás:

— Tinha dezassete anos, foi com o seu grupo brincar... Um pic-nic... Raparigas. Rapazes. A mocidade. As ilusões. Um parque... um barco... um passeio... uma declaração... e, um beijo não evitado.

Depois o rompimento com tudo, ali mesmo. Ela não suporta liberdades. Esse alguém vingando-se, fazendo críticas, comentários, mentiras...

Nada deu mas, tudo perdeu. Madalena a leviana, não serve para ninguém.

É demasiado conhecida — dizem eles.

Madalena, a leviana, é a solitária. Segue a vida sôzinha sem ter um peito amigo onde reclinar a cabeça. Uma mão que se lhe estenda ajudando-a

na subida do seu «Monte das Penas».

Ela é a tristeza sem saudade, a vida sem companhia, a morte sem mortalha.

É só. Nada. Ninguém.

A sua vida resume-se a ela mesma.

Tudo porque ela não soube evitar um beijo. E porque não quis continuar a ser o brinquedo caro daquele menino sem juízo, até que ele se cansasse daquela boneca de luxo.

Vidas corrompidas. Sociedade pôdre.

Pobre Madalena...

Contudo é forte. Sabe viver, crer e esperar.

Mesmo que o mundo negue a reconhecê-la, não importa.

O seu coração pulsa por um ideal que a eleva.

Se a vida se recusar, terá Deus.

Esse não se nega.

Se a humanidade não a quiser receber ela dir-lhe-á:

Senhor, aqui estou. Madalena, a leviana está só. Não soube fugir ao perigo, numa tarde de Verão, e todos me abandonam.

Tu sabes. Por isso não me deixes que fique Madalena, a sem par, porque eu sou, somente. MADALENA. A LEVIANA.

Jandira Fernandes

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Visado pela censura

Secção de Recortes

ODECAM NUM DIA TRISTE

Penso na vida... Nestes claros dias
Que hão de mudar em noites de velhice;
Nas fugitivas, lóucas alegrias,
Que hão de passar—efémera doidice.

Penso na morte... Nessas campas frias,
Brancas como um liral que ao sol florisse;
Nas palavras fatais das agonias,
Que morrem como tudo o que se disse.

Penso na vida: o desfilar dos anos
Cheios de enganos e de desenganos,
Cheios do eterno anseio de viver.

Penso na morte: o fim de toda lida;
E o desapego com que encaro a vida
E' já quase um desejo de morrer.

Ana A. Q. Carneiro de Mendonça

CULINÁRIA

Menu para um jantar de cerimónia

Canja de galinha

1 galinha gorda, 1 colher (das de sopa) de manteiga, 1 colher (das de sopa) de cebola picada, sal q. b., tomates q. b., 1/2 chávena (das de chá) de arroz bem lavado.

Limpa-se a galinha, corta-se pelas juntas e põe-se num tacho a refogar com a manteiga e a cebola.

Deixa-se alourar bem sem escurecer, cobre-se de água, tempera-se de sal e ferve-se até a galinha ficar bem cozida (para ver se está bem cozida, espeta-se um garfo numa das pernas: se entrar com facilidade, deve estar bem cozida).

Tiram-se os ossos e as peles à galinha e corta-se a carne em pedacinhos.

Deita-se o arroz no caldo, que deve regular por uns 3 litros.

Quando o arroz estiver quase cozido, junta-se-lhe os pedacinhos de galinha e tempera-se de sal.

Deve ficar bem amarelinha e não muito grossa.

Se tiver muita gordura, tira-se esta com uma colher, para a sopa não ficar enjoativa.

Filetes de pescada

1 kg. de pescada do meio (rabada), 1 decilitro de leite, 1 limão (o sumo), 2 ovos batidos, pão relado q. b. e batatas fritas aos palitos q. b.

Lava-se e escama-se a pescada. Depois com uma faca bem afiada, destaca-se-lhe a pele em toda a volta e a espinha do meio.

Em seguida corta-se o traço em 2 ou 3 pedaços, no sentido da largura, conforme o tamanho que se quer dar aos filetes. Cortam-se estes transversalmente da espessura que se quiser.

Temperam-se com sal, sumo de limão, borrifam-se com leite e deixam-se a tomar gosto durante 2 ou 3 horas.

Feito isto escorrem-se; passam-se por ovos batidos, em seguida por pão ralado e fritam-se em azeite ou óleo.

Servem-se acompanhados com puré de batata.

Galinha assada

1 galinha gorda, 100 grs. de toucinho entremeado, 1 ramo de salsa, 2 colheres (das de sopa) de manteiga, 1 colher (das de sopa), de pingue, 1 cálice de vinho branco, algumas gotas de sumo de limão, sal q. b., caldo de carne q. b., 2 ovos cozidos, azeitonas de Elvas q. b.

Depois da galinha convenientemente preparada introduz-se-lhe no interior o toucinho cortado em bocados e a salsa.

Derrete-se a manteiga e o pingue aos quais se juntam os restantes temperos.

Coloca-se a galinha numa assadeira e rega-se com os temperos anteriormente misturados.

Cobre-se com um papel vegetal untado de manteiga e leva-se ao forno a assar. Quando estiver quase assada retira-se o papel, para ir tomando cor enquanto acaba de assar.

Acrescenta-se o molho com um pouco de caldo de carne e vai-se regando a ave de vez em quando com esta mistura.

Serve-se rodeada de agridões e acompanhada pelo seu próprio molho na molheira, ao qual se juntam os ovos cozidos e as azeitonas, tudo bem picado.

«Tribuna Livre» vende-se em Braga no Quiosque Central do Largo do Barão de S. Martinho.

Uma fortuna desprezada

A saúde é, sem dúvida, a maior riqueza da vida.

Sem saúde, o homem é só um pobre, mesmo se tiver milhões à sua ordem nos subterrâneos dos Bancos.

E no entanto, espanta sobremaneira a sem-cerimónia com que o homem trata esta incalculável fortuna!

Perdulário por vezes até ao extremo limite da insensatez, ei-lo a desbaratar, em cada minuto que passa, esse grande elixir da felicidade que de graça lhe dá a Natureza ou a ilimitada bondade do Pai Celestial.

E em troca desse bem supremo que vai perdendo, ei-lo a amearhar ouro, prata, cobre ou latão, honrarias de papel, títulos grandiloquentes mas vazios quase sempre, que o coeiro reduz a cinza na hora suprema do funeral.

Vencer a torto e a direito, aos encontrões, a soco ou a pontapé, eis o objectivo permanente da insaciável ansia que muitos homens têm do vil metal. E como nessa luta inglória hipotecam, afinal, a grande riqueza que já possuíam e que o seu egoísmo gregário não podia ver; ei-los sempre e inexoravelmente desgraçados e pobres, quer vivam nas espeluncas do Barredo ou vegetem no luxo das moradias das artérias amplas.

Não é preciso muito afinal, para se ser feliz. É por isso que as grandes revoluções sociais, quando não são o produto de uma evolução lenta e natural, parecem inúteis e os grandes cataclismos morais desnecessários, visto que a autêntica, a verdadeira felicidade, que é a saúde, a consciência e a liberdade, sempre estiveram e estão ao alcance de qualquer mortal, na relatividade de dogra de sabedoria de cada geração. É claro que o infortúnio e a desgraça podem até ter os felizes, mas o certo é que a saúde nunca fez mal a ninguém e é medida de acertada prudência venerá-la e cultivá-la!

(Liga Portuguesa de Profilaxia Social).

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

TRIBUNA do CONCELHO

BOURO

Justificando uma falta

Por deficiência de saúde, própria das constantes alterações do tempo, não me foi possível, como muito desejava, escrever no último número deste Jornal, o noticiário de Bouro. Felizmente que já caminho para um total restabelecimento e eis-me a fornecer a todos os Bourenses, espalhados pelos diversos pontos do País e grande parte no Estrangeiro, notícias da sua querida terra natal, que também é a minha.

A todos os Bourenses—Um «Brado de Alerta»

A máguia convida-me e o desânimo não me permite que oculte esta tão desagradável frase: «Bouro vive a situação que os seus homens lhe arranjaram!» Envergonhai-vos Bourenses da geração moderna, para evitar que os nossos vindouros nos dirijam esta frase. O interesse pessoal, limitado, pode e deve admitir-se, mas a honra e dignidade do homem, são tesouros de extraordinário valor. Aquele que, destes valiosos tesouros prescindir, com o fim de defender os seus interesses pessoais, mas sacrificando o bem comum, é um egoísta, é um vampiro que não merece sobreviver. A morte ainda era pequeno castigo. Mas é verdade, caros conterrâneos! De tudo isto existiu na nossa laboriosa freguesia, mas hoje de tais estamos isentos, graças aos esforços da moderna geração, que para tanto tem trabalhado.

Desta maneira, tornou-se possível a criação de alguns benefícios que já usufruímos, mas faltam-nos tantos outros que só o esforço de nós, que nos honramos de pertencer a Bouro, tornarão todas as esperanças numa pura realidade.

Bourenses, as circunstâncias o exigem; o nosso querido torrão solicita e os progressistas pretendem. A vossa colaboração é indispensável. Creio que nenhum será capaz de a negar. Um por todos e todos por um é o grito do presente. Trabalhem; façamos até algum esforço para o desenvolvimento da nossa querida terra, que alguns egoístas paralizaram, mas nós, os da presente geração, precisamos e temos de provar a esses imbecis que podemos muito mais do que eles. Apesar das suas fortunas colossais, adquiridas sem saber de que maneira, provar-lhe-emos que essas fortunas não têm valor e que honra só podem ter aqueles que algo fizeram em benefício do comum. Encaremos o assunto a sério; façamos quanto em nós cou-

ber para o progresso de Bouro, para que os nossos vindouros não lamentem o que nós hoje lamentamos e possam honrar-se dos seus antepassados.

O pouco que tenho feito, está em relação às minhas possibilidades; mas não exagero se acrescentar que se todos assim fizessem, Bouro, era hoje, destacado entre as mais progressivas freguesias.

Julgo aconselhável, para o efeito, que todos os conterrâneos ausentes adquiram o «Ressungir da Abadia». Com ele estariam mais perto das necessidades que tem a sua terra natal e poderiam estudar a melhor maneira de as solucionar. Lembremo-nos que muito se pode fazer, se todos fizerem nem que seja só um pequeno bocado.

Bourenses, é a vossa querida terra que solicita. Corresponder a este apelo é um acto de bairrismo.

A. Fernandes

António Carlos Rodrigues de Azevedo

(Continuação da 1.ª página)

Era irmã da Senhora D. Maria da Graça Rodrigues de Azevedo e tio das Senhoras D. Rosa Nogueira Arantes, casada com o sr. dr. Artur Adriano Arantes, D. Almerinda Azevedo Macedo, casada com o sr. Maurício Macedo, conceituado comerciante do Porto, D. Maria Amélia de Azevedo Silva, casada com o sr. Dr. Avelino Manuel da Silva, D. Aida Augusta de Azevedo França, casada com o sr. dr. Olívio França, D. Maria Alide de Azevedo Silva, casada com o sr. Waldemiro Silva e do sr. Engenheiro Anibal Alves Rodrigues de Azevedo, casado com a Sra. D. Odete Brandão de Azevedo.

O funeral realizou-se na passada quinta-feira com numeroso acompanhamento, testemunha fiel da muita consideração em que era tido e de admiração pelas suas qualidades de bem fazer aos protegidos pela sorte.

A Santa Casa de Misericórdia colocou a bandeira meia haste em homenagem ao que fora seu destacado benemérito e sempre lhe dispensara o melhor carinho. Ao que nos consta, na sua última vontade, contemplou largamente várias instituições e pessoas de pequenos recursos, fazendo com que toda a sua fortuna fique ao serviço dos pobres, especialmente os da sua freguesia.

Conhecedor dos problemas da lavoura era também muito

Novos Assinante

Pelo Snr. J. Fernandes de Azevedo, foi-nos indicado o Snr. Américo José Pereira Martins, fiscal da Hica. Também pelo Snr. António José da Costa Machado, foi nos indicado o Snr. Francisco Pereira Mateus, ausentes no Canadá.

Gostosamente, fizemos as suas inscrições, e agradecemos.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Quarta-feira—A Snra. D. Aurora Leite dos Santos.

Quinta-feira—A Snra. D. Maria de Fátima Galheiros Abreu e o Snr. José A. L. Ramos de Azevedo.

Parabéns.



No passado dia 15 de Maio festejou o seu aniversário natalício, o Senhor Domingos Manuel Pereira Cracel, actualmente em serviço na Barragem da Caniçada, nosso dedicado assinante.

Tribuna Livre apresenta-lhe cumprimentos.

conhecido pelos seus escritos, profundos em conceitos sociais, tendo deixado diferentes publicações e farta colaboração em jornais e revistas, nos quais escrevia com bastante assiduidade.

A sua acção fez-se sentir em quase todas as instituições do concelho por onde o seu nome passou e à sua acção algumas devem parte do desenvolvimento que experimentaram.

A família enlutada apresentamos os nossos sentimentos.

Assinai e propagai a «Tribuna Livre»

Besteiros

Festividades

Na semana passada comemorando Nossa Senhora de Fátima, Santa Filomena e a Inauguração do Monumento Nacional a Cristo Rei em Lisboa, realizou-se uma série de conferências eclesásticas e pregações na Igreja paroquial de Besteiros, sendo orador o Rev. P. e Custódio Ferreira de Campos, ilustre e insigne Missionário da Congregação do Espírito Santo, o qual em Cabo Verde tem desem enhado uma acção notável. Houve missa solene, comunhão geral, procissão de velas, e Consagração da Paróquia aos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Houve grande entusiasmo e muita Fé.

No próximo Domingo realiza-se a festa congratulatória dos anos do menino Egídio Vieira Gonçalves, que, depois duma festa religiosa na Igreja paroquial, reúne na Casa de seus pais e avós, um grupo de bons amigos, que todos à porfia, bebem pelas felicidades deste menino que virá a ser a esperança, o convívio e o conforto de todos os seus. Os nossos parabéns e que seja por muitos anos.

C.

Doente

Já se encontra restabelecido da doença que o obrigou guardar o leito bastante tempo, o sr. Domingos José Viera.

— Encontra-se doente o sr. João Manuel Gonçalves da Costa.

Falecimento

No Hospital de S. Marcos, onde desde há tempo se encontrava internado, faleceu o sr. Nicolau Teixeira, daqui natural.

Visita

Esteve nesta freguesia, tendo já regressado a Lisboa o sr. Dr. Carlos Teixeira de Sousa, da Quinta de Santo António.

C.

HUMORISMO

No Consultório

O Snr. Santos, que anda em demanda, vai ter com o seu advogado e diz-lhe:

— Mais uma sentença, contra, sr. Doutor! O que quer agora!

— Agora... apele.

— Apele, sr. Doutor, já V. Ex.cia cá atem; só se quiser o ôsso.

No Barbeiro

— Diga-me cá, o seu cão costuma estar assim sempre, tão atento a olhar, quando o senhor faz a barba aos fregueses?

— Saiba o senhor: é que eu, ultimamente, cortei, sem querer, um pedaço de orelha a um indivíduo e ele agora julga que apanha todos os dias petisco igual!

LAGO

Para Angola

Partiram há dias daqui com destino a Luanda os Srs. Domingos Macedo, José Macedo, Domingos de Campos, Rosa Campos e filho, António Carvalho, Custódio Silva e Augusto Silva.

Chegada

Acompanhado de sua esposa e filho chegou aqui, vindo de Santos — Brasil, o sr. José da Costa Lopes que há anos ali se encontrava.

Só 2 Metros a 2,25—é quanto V. Ex.cia gasta no seu fato. Duvida? Então visite

ALFAIATARIA BELCORTE

DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Alfaiate Diplomado

Nesta casa encontrará boa coleção de fazendas nos mais bonitos padrões, onde V. Ex.cia poderá escolher um fato. Lá encontrará também muitas e lindas fazendas para casaco Sport.

Os preços desta casa não têm rival:

Fato em pura lã, pronto a vestir desde	340\$00
Misto	250\$00
Casaco sport. de pura lã pronto a vestir, desde	280\$00
misto	220\$00
Calças em pura lã	100\$00
misto	75\$00
de cotim	37\$50
Etc. Etc.	

Visitar esta casa é ter a certeza de vestir bem. Experimente e estou certo que ficará cliente.

Belcorte, Largo Dr. Oliveira Salazar Tel. 62141 P. P. Am.

Visado pela C. de Censura

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

houve tempo de praticá-las em constante mudança de cenário político, caracterizado por termos que transcendem a desordem e arruaça, *Setembrizada, Martinhada, Vila-francada, Archotada, etc.*, tendentes no entanto a satisfazer as veementes reclamações e protestos de liberdade que gerou a indisciplina, com ela, os crimes e as culpas coletivas tinham de atrair o castigo que pesou inexoravelmente sobre as cabeças dos culpados e dos inocentes.

O Arcebispo, que declarara, «sacrificar sua opinião e vontade à obediência e respeito devido às Reais determinações» naquela contingência da revolta do conde de Amarante em Março de 1823; mais adiante sente «muito avançada sua carreira mortal» e, com efeito, já em 1828, *sede vacante* se expedia outra circular para a Visita de Entre-Homem e Cávado, concebida nestes principais termos.

«Sendo bem patentes a todos os R. R. Parochos e mais Eclesiásticos o actual empenho da Monarchia, prodigiosamente levantada do último abatimento a que tinham levado as violências e ataques dos mais perfidos inimigo que no seio da Pátria e no tenebroso antro das Cabernas preparava ao tal desolação do vinculo social, da ordem publica, estabelecida pelo primeiro Monarcha Português com alta sabedoria; ligando-a com soberano enlace da Augusta Religião de Jesus Cristo, e com propriedade externa da sua Igreja, sendo a todos bem notorias as inevitáveis despesas que tem feito a R. fazenda p. a o salvamento da Religião e do Trono, que felizmente se acha salvo da rigorosa tribulação e do naufragio pelas sublimes virtudes superiores contancia... d'hum Rei em tudo Primeiro (D. Miguel) he de rigorosa justiça q. todos os bons Portuguezes, e particularmente o corpo Eclesiástico se una aos pés do Trono e coadjuve o excelso Monarca, não só com as lições e o exemplo da lealdade, mas igualmente contribuindo p. a as importantíssimas despesas que tem feito e continuão a fazer; com os generosos donativos q. couberam nos limites de sua possibilidade, imitando a generosidade de seus maiores em outras épocas da Monarquia, que porventura não foram tão perigosas. O clero da Corte e de outros Bispados já seguiu os seus passos e o R. do Cabido desta Santa sé Primaz, não menos zeloso, abriu o exemplo ao corpo Eclesiástico deste Arcebispado, oferecendo a quantia que o estado de suas rendas permitia

Confio portanto das virtudes religiosas, morais e políticas de todos os RR. Parochos... não so porq. o corpo Eclesiástico deve abrir exemplo ao rebanho que lhe está confiado... mas porq. se a detestavel facção conseguisse levar a cabo seu plano destruidor, nem a fazenda nem a liberdade nem mesmo a vida lhe pouparia; a prova está na triste experiência dos últimos acontecimentos revolucionarios (o regime do Terror); e se algum miseravel Eclesiastico teve a desgraça de se deixar iludir pela enganadora esperança de ocupar os beneficios mais pingues, já tinha sobejas provas para se convencer de q. a facção destruidora intentava abolir e acabar com tudo aquilo q. tivesse ligação com a Fé, Moral de J. Cristo e Leis da sua Igreja, cofiando fielmente os passos da revolução francesa e porventura adiantando mais alguma cousa!...

Por tão poderosos motivos, e outros que a todos são obvios espero q. os que ainda não tiverem contribuido p. a a donativo, o fação segundo suas posses e nos respectivos Distritos, desejando m. to ver escriptos seus nomes, que se forem publicando na Gazeta Ministerial...»

Um desenfreado panfletarismo ia pondo, de parte a parte, em ebulição as mais vis paixões que faziam ver tudo rubro, do mesmo modo e por actos idênticos aos que em França tinham deshonrado para sempre os clamorosos protestos de liberdade, os quais raro não deixam atrás de si um rasto de sangue.

Aquí, porem, foi-se opondo a essa propaganda feroz o peso das encíclicas e doutrinas da Igreja, como consta de mais esta circular, a última que se regista das que então se destinaram à Visita de E. H. e Cávado, e pouco antecede o atear da fogueira em que se debateu a Família Nacional. de 1832 a 1834:

«Faço saber a todos os RR. Parochos, clero secular e mais pessoas deste Arcebispado o S. S. Padre Leão Duodecimo, que felizmente preside à Igreja de Deos, ferido profundamente pelo horroroso aspecto com q. nos últimos, calamitosos tempos se apresentou o espirito de perversidade e da perfidia, espalhando insidiosamente maximas, erroneas entre o povo inocente, com o fim criminoso de o encaminhar à geral corrupção; animado pelo fervoroso zelo e Pastoral solicitude com que incessantemente vigia sobre todo o seu rebanho que lhe está confiado, desejando eficazmente conservar illeso o Sagrado Deposito da Fé e Santidade da Relegião Revelada, a guarda dos costumes e obstar promptam. te ao progresso de tantos males que o inferno tem vomitado nos passados tempos pelo infame órgão das sociedades secretas, da maçonaria, «pedreiros livres» ou qualquer q. seja a sua

(Continua no próximo número)

O Sistema político Português

(Continuação da 1.ª página)

porta correcções e integração de lacunas, o Sistema é na presente conjuntura aquele que melhor pode ainda serviço a Pátria.

Não é o Liberalismo Económico, como não é o Determinismo Económico, a solução financeiro que melhor pode resolver na sua essência o problema económico de qualquer povo. É que estes problemas, mais do que pela equação dos números, tem de ser resolvidos pela acaução dos valores humanos. É preciso que o técnico se debruce sobre o homem, que considere os factores de universalidade emanentes no próprio homem, e só depois nos forneça um sistema, que resolvendo os problemas materiais respeite e renda homenagem à Pessoa e à Dignidade Humana. Entre nós, pode dizer-se que foi essa a solução seguida. Na verdade, no campo económico, escolheu-se um sistema, que permitindo um aumento de rendimento nacional, pela conciliação de interesses dos elementos de produção, respeita na íntegra os valores ético-sociais e a própria Dignidade Humana.

Nós não temos luta de classes, mas sim entendimento de classes.

É esta aliás a doutrina da Igreja, sábia e brilhantemente exposta nas já famosas encíclicas — *Rerum Novarum* — *Quanta Cura* — *Quadragesimo Anno* — *Syllabus* — e mais recentemente por Sua Santidade o sábio Pontífice Pio XII, de saudosa memória.

É essa doutrina, plasmada no nosso Sistema, que efectivamente nos ensina que o fim de toda a actividade económica é produzir riqueza. Mas que a riqueza não vale só por si, mas sim pela utilidade social de que se revestir. E só é socialmente útil a riqueza que se possa reflectir na elevação do nível geral de vida, de cultura, e de civilização. Exige-se portanto uma riqueza socialmente útil, capaz de produzir benefícios para todos. Tal é a doutrina da Igreja, de que é preciso justificar a propriedade com o seu bom uso.

Mas se este é o melhor sistema, como supomos ter demonstrado, como se justifica então um certo descontentamento de alguns e um certo inconformismo de outros!

É difícil responder. Além das razões intrínsecas que por natureza levam o homem sempre a discordar, nós sabemos que efectivamente há certos reparos a fazer. Não há obra perfeita como acima se disse, mas talvez haja possibilidade de se fazer melhor. Julgo mesmo não andar muito longe da verdade, se afirmar aqui que a razão de ser de certos descontentamentos reside em grande parte, num conjunto de instituições, que sendo boas por natureza, não estão a funcionar bem, ou então funcionam com graves deficiências orgánicas. Por outro lado, só agora se começou a esclarecer convenientemente a — Opinião

Pública — dando assim satisfação a um legítimo anseio, a uma legítima expectativa do nosso povo. Só agora se procuram eliminar certos caciquismos políticos, que tão graves prejuizos têm causado ao sistema. Mas não haja ilusões!

Nunca ninguém conseguiu agradar a todos. Apraz-me até citar aqui um belo pensamento do escritor Sena Freitas: «elogio, mas elogio funebre, o dizer-se de alguém de bem que agrada a todos».

Que todos os portugueses sintam a vivência do momento, e saibem aproveitar o excelente fundo ideológico, cultural e doutrinário que possuem, para em Concilio Ecunémico, resolverem por bem os seus problemas. Faça-se uma política de doutrinação intensiva

e extensiva, mostrando aos novos, que este foi o sistema que salvou a Pátria, que este é o sistema que contém nas suas virtualidades, a força e a potência de ser o melhor regime do momento, que este é o sistema que pode e deve ser a base sólida e firme do regime do futuro. Foi este Regime, que despertando a consciência nacional, renovou as tradições históricas da raça, morigerou os costumes, e acordou as virtudes ancestrais do nosso povo. Prestigiou-se o País, e no dizer do Prf. Doutor Oliveira Salazar:

«O orgulho de ser português, remoça o sangue dos portugueses, de hoje, e permite repousem tranquilas no túmulo, as cinzas heróicas dos portugueses de ontem. M. C. Meireles

União Católica Portuguesa do Canadá

(Continuação da 3.ª página)

contemplam a distância com saudades, jamais se esqueceram da educação religiosa que receberam no meio de onde partiram, e querendo honrar a tradição portuguesa do país católico, em Montreal, onde residem, logo se decidiram a fundar uma associação com fins religiosos e ao mesmo tempo recreativos e culturais. Também em Montreal a alma pulsa na Colónia Portuguesa, nimbada pela fé católica que nos tez, de pequeno povo, grandes pioneiros das descobertas e conquistas e que, em qualquer parte onde se encontre um punhado de portugueses, logo se vêem germinar o bons frutos. São de incitamento as palavras que daqui dirigimos aos Senhor Manuel Teixeira (presidente) e Domingos Godinho Ribeiro (secretário), bem conhecidos no nosso meio, para que continuem a desenvolver a sua já considerável obra, que muito poderá vir a honrar o nome da nossa Nação e dos fundadores.

Oxalá que as dificuldades que nos apontam e as aspirações que acalentam possam ter viabilidade próxima. Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa atenderá, por certo, o pedido para que as 2.000 almas que constituem a Colónia Portuguesa de Montreal tenham um pároco próprio, português, para não ser necessário mendigar a assistência de padres estrangeiros. Esta associação criada com fins tão elevados, não poderá deixar de merecer a melhor atenção das autoridades religiosas e civis, tanto mais que é a única que serve a já tão numerosa Colónia Portuguesa. Não se julgue que esta associação visa apenas fins religiosos. Como já dissemos, estende a sua acção ao campo recreativo, cultural e assistencial. Nos segundos sábados de cada mês realiza-se uma festa, que vai desde a Missa Cantada, com comunhão, à reunião solene com alocações, exibição de filmes

e orquestra folclórica de canções e fados.

Está em preparação um grupo folclórico e outro de futebol que será o primeiro de Província de Quebec.

Transcrevemos o programa a que obedeceu uma das últimas reuniões, que bem mostra o nível superiormente educativo destas reuniões:

Começou as 20 h. e terminou à 24 h. com a comparencia do Digníssimo Dr. Artur Dias da Silva Nogueira, consul geral de Portugal e sua Exma. Esposa, Dr. Narcez Ferreira, consul do Brasil, Exma. Esposa e Filha, Dr. Raoul, Consul de Cuba, Exma. Esposa e Filha, Senhor Bernardaly, Digno representante da assistência ao Emigrante Católico, Chef da Citoyté e da Imition Canadienne, etc. e bem assim toda a Colónia Portuguesa da Região de Montreal. Iniciou-se por uma alocação do Senhor Manuel Teixeira, presidente e fundador da Associação e outra do Digníssimo P. Raoul Gagnon P. S. S. Vigário de Norte Dame, ilustre director da U. C. P. C., seguindo-se de um filme de desenhos animados, outros «Vistas de Portugal», exhibição da orquestra do Grupo Folclórico Português com canções pelo Senhor Alberto Costa e, por último um filme «As Aves Aquáticas». Esta a parte recreativa e cultural. A religiosa constou de Missa Cantada e comunhão de fiéis, etc.

Há ainda a salientar a parte assistencial da Associação, que será prestada, segundo os estatutos, a todo o português associado.

Esperamos continuar a dar notícias do Canadá, mensalmente, sob a epigrafe «*Carta do Canadá*». Assim, os nossos leitores poderão apreciar o quanto se pode, quando se quer a valer. Parabéns aos nossos conterrâneos promotores desta obra. EME

Visado pela Censura

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 31

Balança

«Estes são os limites desta Igr.a entre Santa Cruz e a dita Igr.a (de Seramil, que se acham resumidos neste tomo, com a diferença — que aqui fica sempre S. Paio à mão direita, enquanto, nos já referidos, ficava à esquerda e todas as outras igrejas ao redor) parte pello marco do Couto de Santa Cruz e dali ao de penna cova de marquo a marquo, e dali a cabeça de Seixeira é dali ao cabeça do Verdial, antão dali direito ao campo do painçal e toma a cerca este campo e toma pello porto do gatto direito a portella de rompesinhas e dali a penna redonda e dali aos Pousadeiros, antão pello fojo da deveza, e dali pello campo da Castinheira e dali aos Pousadeiros da Geira e dali direito ao monte, agoas vertentes, asi como vai a demarcação do Couto, e vai outra vez ao marco do Couto do Santa Cruz direito. Aqui se acabão os limites todos entre Vilela, e Santa Martha, e Sam Joam da Valança e Sam Matheus e Souto, e Paranhos, Igrejas vizinhos, e forão lemitados por Fernando Annes do oiteiro da Villa, Ricento Annes e Aleixo Annes, todos ajuramentados aos santos evangelhos e disserão q. esta hera verdade e sempre a dirom e ouvirom testemunhas que estavam presentes Afonço neto e Gonçalo Pires, e os Abbades forão citados por hua carta de vizinhança do Senhor Arcebispo.

E eu dou de mim fêe q. os citei e asinarão os homens bons e Abb.es por Franco aires Abbade das ditas Igr.as me foi pedido dois instrumentos, ambos de hum theor, e o traslado do alvará do Senhor Arcebispo meu senhor he este que segue:

«Nós Arcebispo Primaz Fazemos saber ao Abb.des da Terra do Dayage antre homem e cadavo e monte longo (actual conc. de Fafe) q. nos damos lugar e licença a Francisco Piz, clérigo de missa, notario apostolico, criado do Bacharel Rui Gomes nosso Vig.o que elle possa fazer os tombs desses vossos benefícios e anexas que a elles pertencem segundo por nos he mandado em nossas constituições, e nos mandamos que o fasais sem dollo em contra pessoa, por q. somos certos q. o farão bem feito — em nossa cid.e de Braga aos seis dias do mes fevereiro de quinhentos e onze annos.

«Fomos logo a limitar entre Sam Matheus e Sam João e se comessa a fonte do Vao e dali a Lagea asim como vem pello caminho, agoas vertentes, e dali ao penedo de fernando, e dentro no campo do Agrello esta um marco, e dali os vilares e estom entre o penedo de fernando, e do penedo ao oiteiro de adrigueira e dali às lageas das pisqueiras, e dali por cima do lugar de gougida e vai ter a hua lagea que está na Geira aonde nasce hua fonte, e dali à cumieira do Carvalho, e parte, agoas vertentes, com Sam Paio de Saramil e com Santa Martha

Com Santa Marinha de Choreense — comesão os limites ao marquo do jogo e dali ao marquo que está no lugar da deveza e dali ao Carvalho e aqui se acabom os limites e estom as Igr.as como he feita antre os marcos da deveza e os do fojo da mosse ou hoste e andão em demanda por Braga e está feito e processado e o Abb.e da valança em posse de levar os dízimos pera dentro, e forão citados os Abb.es vezinhos. De man.ra, e forão limitados por G.lo frz. e João frz. homes bons ajuramentados aos Santos e-vangelhos e estiverão os Adb.es presentes».

Do mesmo Livro do tomo, os limites da que então era sua anexa, Igr.a de Moimenta:

«Logo ao Porto da pisqueira asi como vão as bayxas das Carreiras e torna à fraga de Telho e dali à portella direito, agoas vertentes, e dali ao fojo Dantehella e dali à pisqueira de Fernam Tome, antão pello outeiro do mouro à pedra de rã e dali a pedra pinta e dali direito a palla e antão ao Castinheiro e dali ao outeiro e dali ao fulanço e dali ao valle das Teixeira e dali a ponte cham do porto e antão ao porto da costa asim como vai sahir a pedra pinta — Dos quais assim como vai direito a Cruz do pego negro, e dali asim como vai a Cruz da hense e dali direito ao moinho das Teixeira asi como leva direito ao meio pello ribeiro e acabão aqui os limites antre Santa Marinha de Choreense e Vilar e Moimenta e Valdreu.

(Continua no próximo número)

Maria da Luz Baptista

Enfermeira-Parteira pela Universidade do Porto

RUA D. PEDRO V - 201 TELEFONE, 3029

(S. VICTOR) — BRAGA

Correspondência de Lisboa

Foi-nos dado ver, com muito regosijo da nossa parte, nesta cidade de Lisboa, os Revmos. Senhores Padre Monteiro, abade do Campo e de Covide, e Padre João Francisco Rodrigues Pereira, da Balança e Ribeira, os quais, de passagem por Fátima, aqui chegaram e se encontraram de 14 a 17 do corrente a participar nas grandiosas solenidades da Inauguração do Monumento a Cristo Rei, juntamente com alguns dos seus paroquianos, vindos das mais distantes freguesias do Norte de Portugal, em magnifico e significativo sinal de representação. Muito obrigado também pela visita e que todos tenham feito uma feliz viagem de regresso a suas terras. C.

Fazei alto e observai!...

(Continuação da 1.ª página)

sagrada Escritura, ex. XIV-13), o providencial libertador e legislador do povo eleito de Deus, rodeado dos seus compatriotas que acabava de arrancar ao jugo despótico dos Faraós e conduzira agora através do deserto à Terra da Promissão.

E como começasse a esmorecer a confiança que esse povo cansado de sofrer depositara a princípio no seu libertador, o Grande chefe, Libertador e Legislador dos tempos novos — Jesus Cristo — procura levantar-lhes o ânimo abatido, apontando para os feitos grandiosos que em seu benefício operou o Senhor de quem era ali o representante e o legado: «State et videte magnalia domini»...

Se vos toma o desalento perante as dificuldades da viagem libertadora, fazei alto por uns momentos e observai os prodígios que o Senhor vai operando em vossa defesa e auxílio.

*

«State et videte!...»

Levantai-vos e cobrai ânimo, recordando o que fostes e o que sois, graças à obra do homenageado.

Ontem, na cátedra universitária, espalhando a jorros a luz das ciências e preparando a geração do resgate; logo ao leme da barca nacional, criando-lhe e infundindo-lhe alma nova; e convidando todos os portugueses à união em volta do ideal do bem-comum; e revelando os tesouros preciosos das virtudes magnânimas latentes na alma lusitana; e restabelecendo a unidade espiritual da Pátria em volta do símbolo sacrossanto da Cruz redontora; e pondo ciência e horadez na administração pública; e orientando a riqueza nacional num sentido social e humano; e implantando por essas províncias-além monumentos importantes que aí ficam como livro aberto a dar testemunho irrecusável da época de progresso, como poucas que conhecera no passado o nosso País; e defendendo a Terra Portuguesa a quem e além-mar contra a cobiça dos outros povos estrangeiros...

Daqui, deste altar da velha Sé primacial, lancemos animosos os olhos para o Futuro confiantes na Providência divina e na nobreza e lealdade dos homens que Ela suscitou e assiste, e em boa hora foram pelo povo português colocados à frente dos destinos nacionais.

Desta colina sagrada aonde dificilmente chegam as paixões desvairadas dos homens, serão os homens e o seus actos ava-

liados nas suas justas proporções e apreciados melhor à luz das verdades eternas que irradiam das alturas da fé cristã e no-las deixam ver a todos como irmãos apesar das diferenças accidentais que Deus ou a Sociedade fixou a cada um.

Neste ambiente cristão que importa manter e melhorar a cada instante não só é possível viver e prosperar em verdadeira paz e união entre todos os portugueses, como até desenvolver-se a sua mútua colaboração eficaz e desinteressada em benefício de toda a colectividade.

Em nome dos interesses religiosos e morais bracarenses sublinhamos com júbilo as facilidades que nos têm sido dispensadas para o livre exercício e conveniente expansão de suas crenças, sob a égide do Regime em que vivemos e a direcção do insigne estadista por quem estamos implorando as bênçãos de Deus.

*

State et videte!...

Paremos aqui um pouco cotemplando estas maravilhas de Deus operadas pelos homens que crêem n'Ele e O adoram. Admiremos as transformações operadas desde há 30 anos no nosso País graças ao Espírito novo que, felizmente, continua soprando em todos os quadrantes da vida nacional com vigoroso ímpeto revonador.

Mas ao mesmo tempo peçamos a Deus que na sua infinita Sabedoria e Bondade continue iluminando e guiando os homens públicos que governam

Comentários

Continuação da 1.ª página

listas brasileiros conceder uma entrevista para o programa «Noite de Gala». A entrevista foi marcada mas, à última hora, o general Delegado não compareceu. Foi então procurado e localizado «mas recusou-se a cumprir o que havia prometido, sem justificativa de espécie alguma».

Prosseguindo, Carlos Thiré mostrou o recibo e o compromisso assinado pelo general, explicando que para ser entrevistado na semana passada «o general Delgado pediu e recebeu o pagamento de 20.000 cruzeiro» e «para haver a certeza de que desta vez ele não faltaria» assinou também o compromisso.

A terminar, o produtor Carlos Thiré disse:

«Da nossa parte nada há a acrescentar nem a comentar. Cabe aos democratas portugueses o julgamento da conduta do seu «líder», general Humberto Delgado».

--(ANI).

* * *

É, evidente, que os brasileiros não podem tomar a sério o General Humberto Delgado...

o País e nomeadamente o Senhor Presidente, arrojado e tenaz timoneiro, a fim de que possam ser satisfeitas, quanto antes e por inteiro, as aspirações do povo português que ainda o não foram, e de que sejam filalmente removidos os obstáculos que dentro ou fora das fronteiras constituam ameaça ou perigo para a Paz, a ordem e a tranquilidade públicas.

E para isso forçoso é que esta nossa homenagem e ardentes votos de longa vida que fazemos junto do altar da Padroeira, se traduzam numa firme, desinteressada e pronta colaboração com os olhos postos na Pátria terrena, mas sem os tirar da Pátria celeste que é a única Pátria eterna, mansão autêntica da verdadeira Ordem e Paz inauferíveis, a que todos aspiramos.

Tribuna de Vieira

(Continuação da 6.ª página)

ra das sardinhas, em Rossas os campos dos lavradores, em Anjos um largo terraplanado no monte florestal (de todos o melhor), e no Mosteiro os campos submersos do Ermal em Grandra e Riolongo; As tabernas aos domingos são verdadeiros pavilhões de jogos de sueca, malha, futebol de mesa, má lingua e até de sóco, salvas raras excepções. Não acham os leitores que também seria acertado construir-se um «clubes náutico» na Praça Dr. Guilherme Abreu, centro da Vila, para competições nos dias de chuva!

Chegou o tempo das excursões; e bastantes por aqui passam de visita às barragens. Será hospitaleiro dar aos turistas o triste espectáculo do

futebol nas ruas, obrigando motoristas e motorizados a certos e perigosos embarços?

A mocidade tem direito e necessidade de se distrair honesta e comedidamente, mesmo para fugir à doentia ociosidade que é fonte de muitos e diversos males.

Temos reparado que os jovens de tendências futebolistas, sobretudo de Vieira, Mosteiro e Rossas, etc, barafustam por não terem onde passar alegremente as tardes dos domingos e feriados.

Ver-se-ão obrigados a lançar mãos à iniciativa particular, tantas vezes entravada por razões mesquinhas e pessoais, ou haverá entidade competente para solucionar o problema desportivo do concelho?

Voltaremos. C.

Repuração Social

Continuação da 1.ª página)

devido a serem já crónicos, só com apurada medicina social poderão supurar.

Que todos compreendam ser necessário levar a efeito «uma extensa e persistente campanha que só poderá afrouxar quando o mal de hoje estiver debelado», segundo a própria expressão do Senhor Ministro da Presidência, é o que todos devemos desejar ardentemente.

Na quase pomposa Comissão de Recuperação Social, à frente da qual está a figura prestigiosa do Senhor Dr. Mário Madeira, há elementos representativos que chegam, realmente, para debelar o mal.

Está ali a Igreja, com as suas instituições; o Ministério do Interior, com as autarquias locais e a segurança pública; o Ministério das Obras Públicas, com as repartições do desemprego para absorver a mão de obra dos vadios; o Ministério da Justiça, com a sua autoridade para punir e com a grande experiência que tem do serviço de recuperação social; o Ministério da Educação, com o ensino e educação física; o Ministério da Saúde e Assistência, com o Socorro Social e meios ao seu dispor de profilaxia sanitária e social; o SNI, com a sua poderosa máquina de informação através da Imprensa, da Rádio e da Televisão; a Misericórdia de Lisboa, os Institutos Assistenciais, as Sociedades de S. Vicente de Paulo, a Fundação Gulbenkian — todo este extraordinário manancial de recursos materiais e espirituais, posto à disposição dessa máquina de extermínio

da mendicidade, que se chama Recuperação Social!

Será no entanto preciso, repare-se bem, que a campanha se estenda simultaneamente a todo o País, iniciando-se por rigoroso inquérito às condições de vida de cada mendigo e promovendo-se imediatamente a sua fixação. Cada mendigo deveria, para este efeito, receber ordem para não poder ausentar-se do seu concelho sem autorização das autoridades administrativas; indo mais longe, não seria até mais eficiente fixar, a cada um, residência na própria freguesia?

O alcance desta medida de fixação é tão evidente que não carece de explicação; basta dizer que desta forma a verdadeira mendicidade fica reduzida ao seu meio e por isso automaticamente conhecida.

Pelo inquérito e respectivo exame médico, logo se concluirá que há três grandes classes de mendigos: válidos, semi-válidos e inválidos. E feita esta classificação, logo se saberá o destino a dar-lhes: os válidos, trabalham, os semi-válidos desempenham ofícios leves, os inválidos recolhem a asilos.

Desculpe-nos a Ilustríssima Comissão de Recuperação Social estas, por certo, desnecessárias sugestões, mas elas têm mais propriamente por finalidade elucidar a opinião pública sobre o verdadeiro significado da recuperação social que se pretende levar a efeito. A dificuldade é maior do que muitos pensam, devido a que será necessário restituir à sociedade, devidamente recuperados para a vida sã, os vadios que se albergam actualmente

De Rossas

Reina grande entusiasmo no bom povo do lugar de Calvos, desta freguesia, totalmente católico, com a ideia do restauro da capela de S. Frutuoso.

Ainda há pouco tempo na festa do padroeiro, o ilustre

sob a capa da mendicidade, educando-os em estabelecimentos próprios, com escolas adequadas; e saiba-se que educar estes pecadores ociosos, com muitos outros vícios que a preguiça sempre gera, é tarefa que exige longa experiência social que felizmente já vamos possuindo, por exemplo, nos estabelecimentos prisionais, que hoje são outros tantos elementos de recuperação de delinquentes.

Mas não se trata aqui de prender mendigos. Eles serão tratados com todo o carinho cristão. Disso, são garantia, estas palavras de S. Exa. o Senhor Ministro da Presidência: «Trabalhe a Comissão com Fé e Caridade bem cristãs. E trabalhe com vontade decidida de aceitar. O Governo e o País lhe agradecerão.»

O País agradecerá e não tenhamos dúvida que também cooperará, com firme vontade, quando vir trilhar-se o caminho que conduza à extinção da mendicidade, em toda a parte.

A mendicidade é vergonha para todos: para os que pedem e para os que dão; dê-se à pobreza legítima através das instituições de caridade e não à mendicidade falsa, na rua!

EME

pregador Sr. Dr. Manuel Faria teve de recorrer a certa habilidade pastoral para poder distribuir a S. Comunhão a cerca de 300 pessoas que não cabiam na capela dada a sua pequenez.

Mesmo aos domingos, na missa das 11,5 ali semanalmente celebrada pelo bondoso Pe. Domingos, o povo não cabe. O Ex.mo Sr. Comendador Frutuoso, grande benfeitor da capela e do lugar, sua terra natal, e os generosos habitantes de Calvos, viram bem estas deficiências; e por isso, orientados pelo zeloso pároco vão começar as obras de remodelação e ampliação da mesma capela em que pensam gastar cerca de 25.000\$00.

Espera-se também a valiosa colaboração do Sr. Machado da casa do Rapazinho, de S. Nicolau, e de outros devotos benfeitores. Parabéns a todos, e que Deus pelas mãos de S. Frutuoso lhe retribua cem por um.

Desportos

O desporto-rei deste concelho é a sueca.

Vivemos no século da bola, e Veira do Minho, ainda joga na divisão «zero».

Cá ainda se usam os lampões!...

Quanto a campos, estádios ou parques de diversões, já temos, na Vila o largo da fei-

(Continua na 5.ª página)

DEUS

(A Jaime B. de Macedo)

Eu sinto o Seu poder quando o tufão ao solo
Arranca num momento os robles seculares,
E sibilando vai, dum polo a outro polo,
Alevantando em fúria os vagalhões dos mares!

Eu sinto o seu poder quando em dias calmosos
O Sol, imagem Sua, a tudo vem sorrindo;
Ou quando fito à noite os astros radiosos
Que a Sua mão pintou sob este azul infinito!

Eu sinto o seu poder na gota que desliza
Do alto da montanha ao verdejante outeiro,
E soluçante o cursa, trémula e indecisa
Enquanto se não junta às outras no ribeiro!

Eu sinto o Seu poder em tudo quanto vejo!...
E não maldigo nunca os raios e os trovões;
Da Lua adoro a luz, da brisa o brando beijo,
Das feras o bramir, das aves as canções!...

U E R B A

Folhetim de «Tribuna Livre, 101.

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

— Quando vou a Bouro o Amâncio acompanha-me e quando vou a Caldelas ando com o Américo...

— Os tempos modernos...

— Sim... cuidado com o Alberto que já está a olhar para cá...

— Ai de mim se estivesse aqui, em Bouro e em Caldelas, ao mesmo tempo...

O melhor é regressar... ao céu!

— Vai pela sombra... para que o sol te não derreta as asas, senão tens de ficar na terra a penar de veres tantas raparigas bonitas... para os outros!

— O mundo está perdido por vossa culpa!

— Aí vem o Alberto!...

— Adeus olhos pretos, da cor da noite.

Deslisa alma, vagueia por entre estas catitas camponesas, lindas e viçosas, mas acautela-te dos seus aliciantes sorrisos que são capazes de pregar contigo nas profundezas do inferno, nas garras de Satanás!

E o máscara deixou o campo livre ao Alberto, junto da Albertina.

Já passava da meia noite e a desfolhada estava a terminar, com bastante pena das raparigas — e dos rapazes que fervilhavam no meio delas como se fossem borboletas a queimar as asas na chama da sua alegria e no calor do seu entusiasmo.

Os lençóis foram arrumados para servirem para a próxima des-

folhada, que era na segunda feira, na quinta do Monte.

No decorrer desse atraente e divertido trabalho campestre apareceram muitas espigas-rainhas que mantiveram os camponeses e camponesas sempre em excelente disposição, pois os abraços e beijos foram dados e recebidos em profusão no meio da mais excessiva hilaridade.

Descamisadas as últimas espigas e atada a palha em pequenos feixes (copas) todos se levantaram, transportando cada um o seu respectivo «banquinho» e foram ceiar, pela segunda vez.

A Maria Tereza, que tinha o sentido de verdadeira dona de casa, sempre alegre e bem disposta, esmerou-se na cozinha e apresentou aos rapazes e raparigas um soculento repasto, visto que, como muito bem viu, o mereceram.

O capitoso vinho verde, que sempre aparece às refeições e fora delas, em todos os trabalhos agrícolas, foi servido com tal abundância e a ponto de, pouco depois, animar camponeses e camponesas de tal forma que todos se julgavam no direito de falar, primeiro, o que deu em resultado não se compreenderem uns aos outros, como se estivessem encerrados na torre de Babel!.

A ceia terminou às duas horas da madrugada e quando tudo indicava que cada um seguiria para a sua respectiva casa para descansar e recuperar as forças que haviam dispendido em muitas horas de trabalho, desde as seis horas da manhã, organizaram um arraial, na eira, e à luz suave e sonhadora do luar cantaram e dançaram até ao romper do dia.

Só quando, no horizonte, despontaram os primeiros fulgores da aurora é que deixaram a quinta do Vale com bastante pena de não prolongarem os enebriantes folguedos até à hora do jantar.

A desfolhada em casa do José e da Maria Teresa foi das mais concorridas e divertidas da aldeia e deixou indeléveis recordações nos rapazes e nas raparigas, pois alguns pares, nessa noite, tiveram o sublime condão de unir os seus corações com a formal promessa de um profundo e eterno amor.

(CONTINUA)